

Segunda-feira, 2 de abril de 2007

DCI – Diário Comércio, Indústria e Serviços

Soja rouba a cena do milho no giro dos preços

Luiz Silveira / Bloomberg

Se até agora o aumento da produção de etanol nos Estados Unidos fez do milho a “menina dos olhos” do mercado mundial de commodities agrícolas, agora é a vez da soja puxar a alta de preços. O aguardado relatório de intenção de plantio do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês), divulgado na última sexta-feira, indica que a área plantada de milho será a maior desde 1944, crescendo 15% sobre a safra anterior devido à alta nos preços puxada pela demanda para a fabricação de álcool. Mas, para conseguir esse aumento, os produtores norte-americanos reduzirão em 11% a área de soja, diminuindo a oferta mundial.

Os fundos de hedge, especuladores que exercem grande influência sobre os preços dos grãos na Bolsa de Chicago, deixaram a maior parte de suas posições no mercado futuro de milho prevendo que o relatório do USDA derrubaria os preços, mas devem voltar ao mercado com mais força na soja de agora em diante, avalia o analista de commodities Steve Cachia, da corretora Cerealpar, de Curitiba (PR).

Na sexta-feira, os contratos futuros de milho dos cinco primeiros vencimentos fecharam com a queda limite de US\$ 0,20 em Chicago. Embora o relatório do USDA tenha sido positivo para o cenário de preços futuros da soja, a oleaginosa também caiu, US\$ 0,17 para o primeiro contrato. Segundo analistas de Chicago, o principal motivo foi que alguns fundos que não conseguiam vender suas posições no milho mesmo com a queda de US\$ 0,20 acabaram se desfazendo de parte da soja como compensação.

Mas segundo Cachia, a tendência da soja é que os preços comecem a subir nos próximos dias. “Na sexta-feira, o mercado atuou de forma emocional, porque havia muita expectativa em torno do que a imprensa norte-americana chegou a chamar de *relatório do século*”.

Apesar de a tendência ser de alta para o preço da soja, essa elevação terá pouco reflexo na rentabilidade dos produtores brasileiros na safra atual. De acordo com um levantamento realizado pela Agroconsult durante o Rally da Safra, mais de dois terços da safra de soja de estados como Mato Grosso e Goiás já foram comercializados abaixo de US\$ 10 por saca de 60 quilos. “Atualmente, o preço da soja nessas regiões produtoras supera os US\$ 12, mas os sojicultores venderam antecipadamente para garantir as margens de lucro”, explica o diretor da Agroconsult, André Pessôa. O Rally da Safra visitou as lavouras entre os meses de fevereiro e março, em plena colheita da soja.

Mais volatilidade

Já nos preços do milho, Cachia acredita que a tendência de curto prazo é de estabilidade com viés de baixa, tanto no mercado brasileiro quanto no mundial. No cenário interno, pesa a chegada da safra de verão, de mais de 37 milhões de toneladas. No mercado internacional, a maior área plantada nos Estados Unidos torna mais folgada a relação entre oferta e demanda, mesmo com a crescente utilização do grão para a fabricação de etanol.

Agora, o mercado mundial passa a focar as condições climáticas para as lavouras nos Estados Unidos, no período conhecido como “mercado de clima”, que começa tradicionalmente no fim de maio. “Este ano viveremos o mercado de clima mais do que nunca, porque no milho não há

espaço para nenhuma perda de produção e na soja qualquer perda representará uma redução ainda maior na oferta norte-americana”, afirma o analista da Cerealpar.

O resultado é que, com uma maior demanda por milho e uma menor oferta de soja, os Estados Unidos propiciarão o aumento da volatilidade das cotações em Chicago até que o mercado ganhe mais certeza de qual será o tamanho das safras norte-americanas, no segundo semestre.

Câmbio e exportações

Quem pode se favorecer desse cenário é o Brasil, que possui potencial para ocupar o espaço deixado pelos Estados Unidos no mercado mundial de soja, na avaliação de André Pessôa, da Agroconsult. “A Argentina, o Sul e o Sudeste do Brasil poderão fazer uma escolha confortável entre plantar mais milho ou mais soja. Por isso, o grande potencial de crescimento da oferta da oleaginosa está no Centro-Oeste brasileiro”, diz ele. Essa tendência só poderia esbarrar, para ele, em três fatores: endividamento dos produtores, problemas logísticos e aumento dos custos de produção em decorrência da alta no preço dos insumos agrícolas.

Mas Steve Cachia alerta que os Estados Unidos farão de tudo para não abrir espaço para o Brasil e a Argentina nos mercados de milho e soja. “Se o aumento de 15% em sua área de milho se concretizar, os norte-americanos terão condições de atender a maior demanda para etanol e manter os níveis de exportação”, calcula ele.

Já no caso da soja, Cachia ressalta que os Estados Unidos trabalha sempre com estoques elevados, o que permitirá àquele País manter o volume exportado mesmo com uma área plantada 11% menor. Mas tanto no milho quanto na soja, essa previsão só vale se não houver problemas climáticos e se os produtores conseguirem concretizar essas intenções de plantio.

“Dizer que você quer semear um número maior de hectares é muito diferente de realmente fazer o plantio das sementes”, lembra Jim Stephens, presidente da Farmers National Commodities Inc., empresa sediada no Nebraska que administra mais de 445 mil hectares nos Estados Unidos.